

Empresários da Itália vêm um Brasil promissor

ARAUJO NETTO

Correspondente

ROMA — O empresariado italiano foi informado ontem da existência de uma nova "Terra da Promissão": o Brasil. Foi no grande auditório da Confindústria, a poderosa Confederação das Indústrias da Itália, durante as três horas do seminário sobre as perspectivas para o futuro da nação brasileira.

Promovido pela própria Confindústria e aberto por um discurso (em italiano irrepreensível) do chanceler Luiz Felipe Lampréia, o seminário foi encerrado pelo presidente Fernando Henrique, que leu — em italiano bastante compreensível — um discurso que terminou aplaudido de pé por uma centena de empresários dos dois países.

Encontros — Pode-se dizer, com pragmatismo, que esse foi o fato mais importante do primeiro dia da visita oficial do presidente brasileiro à Itália.

O dia foi muito movimentado e começou às primeiras horas da manhã, na residência do embaixador Paulo Pires do Rio, com entrevistas de Fernando Henrique às emissoras de TV italianas. Prosseguiu com encontros com os presidentes da República, da Câmara e do Senado da Itália, terminando, à noite, no Palácio do Quirinale, com o jantar oferecido pelo presidente Oscar Luigi Scalfaro e sua filha, Marianna, ao presidente brasileiro e sua mulher, Dona Ruth, e à comitiva que os acompanha.

A afirmação de que o Brasil mudou muito, e para melhor, e as cifras sobre a redução da inflação, do crescimento do PNB e da economia, do volume de investimentos estrangeiros e das reservas monetárias relacionadas por Fernando Henrique em seu discurso impressionaram particularmente os dirigentes de quatro dos maiores grupos econômicos que atuam no Brasil: Fiat, Pirelli, Parmalat e Sudameris, que desde 1910 representa o maior banco italiano, o Commerciale.

Testemunhos, como o de Cleovino Belini, que falou pela Fiat brasileira, com retórica e entusiasmo excessivos, exaltaram a atuação do maior grupo privado italiano que - de 1990 a 1995 - cresceu quatro vezes num mercado que aumentou apenas duas vezes.

O resultado, segundo ele, foi facilitado por um país que mudou muito, permitindo que o Fiat-Palio, automóvel todo projetado e construído no Brasil, em menos de seis meses de existência já tivesse vendido 150 mil unidades.

Conselhos — Foi como o depoimento de Giuseppe della Seta, presidente da Pirelli do Brasil, grupo que há 68 anos se instalou no país, revelando o faturamento das suas cinco fábricas brasileiras: US\$ 1,4 bilhão de dólares, realizados com vendas que representam 20% dos negócios da Pirelli em todo o mundo. "E que tem tudo para crescer, num país bem conduzido por seu atual governo", como afirmou Giuseppe della Seta, antes de concluir sua intervenção, aconselhando seus compatriotas dirigentes de empresas italianas a seguirem o exemplo da Pirelli, que nunca deixou de confiar nas potencialidades do Brasil.

O conselho foi ainda mais enfatizado na exposição do banqueiro Giovanni Lenti, testemunhando sobre a experiência do Sudameris, banco italiano que só interrompeu suas atividades no Brasil nos anos da II Guerra Mundial.

Com 180 agências e 150 mil clientes brasileiros, o banqueiro italiano transformou o bem-sucedido exemplo do Sudameris em calorosa recomendação a todos os investidores estrangeiros. Aconselhando que nenhum deles ignore ou permaneça ausente de um mercado — como o do Brasil — "que já é de grande importância e que brevemente será de extraordinária importância".